

POETIZAR

REVISTA DE CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS

Fevereiro de 2024 / Edição 1 / Volume 4





Caro leitor, é com muita satisfação que trazemos a quarta edição da Revista Poetizar. Esperamos que cada leitura sensibilize, provoque reflexão, faça rir, se emocionar, enfim...

“A poesia não está nos versos, por vezes ela está no coração. E é tamanha. A ponto de não caber nas palavras.” – Jorge Amado.

SOBRE A REVISTA

A Revista Poetizar é uma publicação eletrônica organizada por estudantes de graduação da Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus como projeto de extensão que abre espaço para a publicação de contos, crônicas e poesias escritas pelo público. Crie sua arte e vem Poetizar com a gente!

EQUIPE EDITORIAL

Prof. Dr. Ailton Pereira Morila

Josué Lopes Oliveira

Samuel Lisboa Martins

NOSSO CONTATO

E-mail: revistapoetizar@gmail.com

Instagram: [@revistapoetizar](https://www.instagram.com/revistapoetizar)

SUMÁRIO

CONTOS

- CSI Porto Alegre – Os Ratos no Laboratório | Aline Vieira Malanovicz 5
- O Sonâmbulo | Adriano Besen 8
- Quem é o rei? | Thiago Lauriti 12
- Escolhas | Jaime Elias Vieira 14
- Memórias e Histórias de Preto Nicó | Lorena Penna Silva 15
- Fé: neurastenia ou realidade? | Bárbara Braga Penido Lima 19

CRÔNICAS

- Quem Procura Acha | Aline Vieira Malanovicz 25
- Querido Tempo | José Wellington Freire Rodrigues 27
- Os Invisíveis | Sâmia Marília Câmara Lopes 29
- Crônicas de Tubarão II: Pontada | Adriana Carolina Hipolito de Assis 31
- O Alfaiate | David Felinto de Araújo 33
- O Cansaço Feminino | Cláudia de Marchi 34

POESIAS

- Ufes em Bodas de ébano: no fechar das histórias escreve-se valores | Marcelo Calderari Miguel 38
- Perdi Você | Aline Vieira Malanovicz 39
- Devido Sentir | Luiza Borba 40
- A Mentira | José D'Assunção Barros 41
- A poesia que vem de dentro | Alberto de Souza 43
- Terra dos vampiros | Israel Simplicio Torres 45

CONTOS

CSI Porto Alegre – Os Ratos no Laboratório | Aline Vieira Malanovicz

Você está começando seu turno de hoje. Espera receber uns três casos para análise por uma equipe de dez pessoas. Você verifica a lista de pendências no computador, e assume um dos trinta casos para análise pela sua equipe. Você lembra que assiste CSI demais.

Desde criança, você sempre amou Química. Seus brinquedos favoritos foram jogos educativos de ciência e alquimia. Você sente um calorzinho fofo quando lembra as caras de surpresa dos seus pais no seu primeiro show doméstico de mágicas alquímicas. Foi apenas uma mistura de sulfato de cobre azul intenso, com o iodeto de potássio totalmente branco, que se tornou algo marrom-claro quase dourado, e depois, com um carbonato e mais vinagre, ficou azul-claro com bolhas de gás carbônico. Um espetáculo!

Então você prosseguiu, cursou Técnico em Química, graduação em Engenharia Química, fez pós em Análise Toxicológica, especialização Forense no exterior. Prestou provas para Perícia nas Polícias Científicas de vários estados, rodou quilômetros e voou milhas em busca dessa meta profissional. E agora trabalha aqui, neste laboratório sucateado, fazendo análise de cocaína e dosagem alcoólica todos os dias, e com salário parcelado.

Para não dizer que você trabalha só, existe a dupla de estagiários, que acaba fazendo trabalho de especialista. Isso cada vez mais exala aquele odor de passivo trabalhista. Você teve colegas muito bons, mas se aposentaram, e, desde então, o único concurso público foi embargado por fraude na banca. E você achava que isso era modinha só de prefeituras.

Você está colocando as luvas descartáveis, quando um telefonema ordena prioridade para o caso de morte que apareceu no telejornal local ontem à noite. Agora de manhã já é trendtopic do twitter na cidade. Tranquilidade está em falta no estoque. Os repórteres mal entendem a linguagem técnica, e despacham suas matérias bombásticas. Só ajudam.

As amostras de sangue e urina chegaram, mas a identificação a caneta já está se apagando. Quando é que vão adotar os tokens e códigos de barras? Você torce para que as amostras não tenham sido, por engano, trocadas no meio do processo, por algum estagiário, ou motorista. E que tenham usado a concentração de conservante

proporcional à da amostra. Muita coisa pode dar errado na cadeia de custódia, que o diga O. J. Simpson.

Na ficha, não consta nenhuma indicação de suspeita, apenas “morte a esclarecer”. Parece que nem olharam direito para o cadáver na hora de preencher esta requisição. Você se lembra de um brilhante equipamento screening toxicológico da série de ficção. E constata que, por aqui, a melhor triagem que tem é o velho cromatógrafo. Desde BreakingBad, as raves ficaram ainda mais abastecidas de comprimidos mucholocos fabricados em fundos de quintal. Toda semana aparece um alucinógeno ou canabinóide novo. E a precisão da cromatografia, por aqui, ainda é a mesma das bibliotecas espectrais de dois anos atrás.

Você não pode assinar um laudo com base apenas na triagem preliminar de rotina, que é só uma extração ácida, básica, neutra. Não tem como saber se foi agrotóxico, energético, bentil, arsênico, moderex, ritalina, inseticida, anabolizante, chá de fita, paracetamol, sei lá.

Para qualquer confirmação das substâncias detectadas, você precisa do espectrômetro de massa. Desde que o ar-condicionado do laboratório sofreu com a piada do yes-break, você não pôde mais ligar o equipamento caríssimo hipersensível ao calor. Faz três meses. A gerência alega falta de verba para manutenção. No CSI não tem isso. Da outra vez, você enviou a análise para a fundação de pesquisa em saúde. Agora, você lembra que os técnicos de lá foram demitidos, e o equipamento foi desligado. Resta enviar ao laboratório da irmã daquele político. Eles fazem até análise de cabelo, vão cobrar uma nota.

Você quer separar a amostra em várias extrações. Confere a data de validade do solvente, está vencido. Vai ter que usar o novo. Mais custo. Você procura um frasco estéril para a separação, percebe que só tem vidraria reaproveitada. Talvez descontaminada, talvez mal lavada. Quem deixou isto aqui em cima da mesa perto do clorofórmio? Não tem outro frasco. Na tevê sempre tem material novinho. Você lava e desinfeta o vidro e acondiciona a extração da amostra. Você senta junto à bancada para preencher o formulário de custódia.

Você sente a bancada fria em seus antebraços, a sua respiração está suave, você quer se lembrar o que precisa escrever neste papel à sua frente. Mas onde está o papel? Sua vista vai ficando turva. A respiração vai ficando cada vez mais lenta, o frio vai tomando

conta do seu corpo. A caneta cai da sua mão, você sente o gelado da bancada em sua bochecha. As imagens estão pouco nítidas, os sons parecem difusos. Sua consciência parece estar se distanciando, e uma sensação de conforto está envolvendo você.

Você abre os olhos e encontra a equipe de peritos do CSI. Seus rostos estão sérios, eles têm uma morte a desvendar. Eles observam a instalação de um equipamento do tamanho da sua mesa de trabalho. Parece o modelo novo de espectrômetro que você viu no catálogo do fabricante. Agora submetem para processamento as suas amostras. A sala está fria também, o ar-condicionado voltou a funcionar, o LED verde brilha no no-break.

Então se voltam para uma gaiola sobre a mesa. Os dois habitantes lembram vagamente o Pinky e Cérebro que lhe inspiravam nas manhãs da infância. Estão manipulando tubos de ensaio, parecem fazer um show de mágica alquímica como os seus. Aquele que parece o Cérebro está bem gordo, fuma um charuto e usa smoking e cartola. O que seria o Pinky tem uma careca e um bigodão de gringo. De algum canto da memória, lhe vem: “O que eles querem fazer esta noite? Tentar dominar o mundo.” Você não torce mais por eles, agora seu cérebro repete “Que dê tudo errado!”. Brain escreve algo num papel, mas nada aparece. Você lembra do número da tinta invisível, ele quer esconder. Você vê o líquido amarronzado no tubo. Eles dizem está sujo, que vão despoluir, resolver a crise. Misturam outro líquido, fica azul como o mar. É truque, você sabe, não é real, não tem validade nem lógica essa manobra toda. A análise detecta, a análise desvenda, ninguém enrola quem faz a análise.

A sensação gelada da bancada chega ao seu nariz. Você levanta a cabeça e encontra o velho cromatógrafo no mesmo lugar de sempre. Só o que você lembra é de que precisa analisar a fundo a coisa para desvendar que droga é essa, qual foi a armação neste crime. Você lembra que a análise sempre pega. E você também lembra que assiste CSI demais.

O Sonâmbulo | Adriano Besen

Essa história é uma mistura de comédia com drama. Como dizem por aí: “Seria cômico se não fosse trágico”. Eu prefiro dizer que é tipo um hilário terror. Bom, vou deixar a brincadeira de lado e ir direto ao que interessa... a história. Tudo começou um dia, quando meu primo Carlinhos foi passar uns dias na minha casa. Eu morava sozinho e ele foi pra lá porque eu estava de férias. Se não me engano, acho que o Carlinhos passou dois dias lá. Ele era bem mais jovem do que eu; um adolescente inexperiente. A ideia da visita era passear, conhecer os pontos turísticos da região e estar perto do primo mais velho que ele tanto admirava. Eu sempre tive um carinho grande por ele também.

Fazia um tempão que eu não via o Carlinhos; acho que a última vez que eu o vi ele era uma criança. Quando ele chegou lá em casa, no início da tarde, percebi que ele já tinha até barba na cara. Foi muito bom revê-lo. A gente conversou por horas, dando risada e contando histórias. Quando anoiteceu, comecei a preparar nosso jantar. O Carlinhos ficou sentado na mesa da cozinha enquanto a conversa não parava. Logo o jantar estava pronto e jantamos. Eu estava muito feliz por ter recebido a visita do meu primo. Depois do jantar o Carlinhos me ajudou... eu lavei a louça e ele secou.

A conversa continuou. Não nos faltava assunto, mas quando já ia passando da meia noite, eu já estava com sono. Eu disse ao Carlinhos que precisava ir dormir, mas antes eu iria preparar a cama dele na sala. Peguei um colchão, coloquei no chão com lençol e um bom cobertor e falei para o meu primo ficar a vontade. Disse ainda que se ele quisesse, poderia ficar assistindo TV. Foi aí que percebi que o Carlinhos estava estranho, com cara de quem estava preocupado; meio cabreiro. Perguntei se estava tudo bem com ele. Ele respondeu que sim, mas continuava parecendo inquieto. Perguntei mais uma vez se ele estava confortável ou precisava de alguma coisa... e aí, ele falou.

Nitidamente angustiado, Carlinhos me perguntou se eu poderia esconder todas as facas da cozinha em um lugar onde ele não tivesse acesso. Fiquei surpreso com a estranha pergunta dele e imediatamente quis saber qual o motivo da preocupação do meu primo. Ele suspirou e meio sem graça me contou que era sonâmbulo e tinha medo de levantar durante a madrugada, pegar uma faca e se machucar ou machucar alguém. Pedi que ele não pensasse naquilo e argumentei que ele provavelmente dormiria bem aquela noite, pois estava em um lugar diferente da casa dele; além disso, certamente teria um sono profundo por estar cansado após de um dia agitado. Ele concordou.

Avisei ao Carlinhos que se precisasse de qualquer coisa, era só me chamar que eu estaria no quarto ao lado. Antes de me recolher desejei uma boa noite e ele me respondeu da mesma forma; parecia mais tranquilo. Por via das dúvidas, tranquei a porta do meu quarto e fui dormir. Fiquei pensando que assustador seria acordar com um sonâmbulo de faca na mão decido a matar. Imaginei que aquele papo do meu primo era exagero dele, influenciado por aqueles filmes que os adolescentes gostam de assistir.

Eu sei que o assunto sonambulismo é algo muito sério. O sonâmbulo não tem uma noção real do que está fazendo. Por isso, muitas vezes cria situações perigosas, podendo não só se ferir com gravidade ou ferir alguém, mas também se colocar em risco de morte. O sonambulismo é mais comum em crianças e tende a ser superado na adolescência, mas não são raros os casos em pessoas adultas. Recentemente teve o caso de uma mulher que sofria de sonambulismo e caiu da sacada de um hotel. A mulher não morreu por pouco e segundo o próprio relato, ela acreditava estar indo ao banheiro quando pulou da sacada no segundo andar.

Tive uma ótima noite de sono e acredito que o Carlinhos também; afinal, quando eu levantei para preparar o café da manhã ele ainda estava dormindo como uma pedra. Chamei o meu primo avisando que o café estava na mesa e ele acordou e levantou. Perguntei ao Carlinhos se ele teve uma boa noite de sono e me respondeu que sim. Após o café nós saímos para passear pela cidade. Mostrei para o meu primo os lugares bonitos da cidade e ele adorou; fotografava tudo. Passamos o dia todo fazendo turismo.

No final da tarde, voltamos para minha casa. Decidi que não ia cozinhar, eu estava cansado por conta do dia cheio que tivemos; resolvi pedir uma pizza grande para nós dois. Tinha uma ótima pizzaria na cidade. A noite chegou e como sempre, a conversa estava animada. Peguei o telefone e pedi a pizza... trinta minutos depois, o motoboy entregou. Comemos tudo. A fome era grande. Depois de comer, lavei os pratos e convidei o Carlinhos para assistir um filme. Meu primo topou.

Assim que o filme acabou, eu já estava morrendo de sono. Falei para o Carlinhos que ia dormir, desejei uma boa noite e fui para o meu quarto. Meu primo também se deitou e provavelmente dormiu logo em seguida. Acordei de madrugada ouvindo uma voz... fiquei tentando entender o que estava acontecendo. Pensei que o Carlinhos tinha deixado a TV ligada, mas não. Era o meu primo falando sozinho, ou melhor, falando dormindo. Lembrei que ele havia me avisado que era sonâmbulo e eu lembrei imediatamente das facas na

cozinha. Fiquei preocupado, mas achei que falar dormindo era mais comum do que se pensa. Porém, era só o começo...

Carlinhos começou a ficar alterado, como se estivesse discutindo com alguém e antes que eu levantasse da minha cama, ouvi meu primo levantando, abrindo a janela da sala com violência e gritando como um louco. Dei um pulo da cama e quando cheguei à sala, o meu primo já tinha pulado a janela. Carlinhos saiu pela rua gritando, esbravejando e ameaçando de matar. Pensei que ele pudesse ter pegado uma faca na cozinha... e bem que ele me alertou. Fiquei com medo que ele se ferisse ou ferisse alguém. Corri para alcançar o meu primo na escuridão da madrugada.

Provavelmente a vizinhança toda acordou e devem ter achado que era mais um bêbado incomodando na rua. Quando consegui alcançar o Carlinhos, fiquei com receio de me aproximar, pois eu não sabia se ele tinha algo nas mãos; eu não conseguia ver. Falei com ele mantendo uma distância segura, mas ele parecia estar em transe. Cheguei mais perto e o chamei pelo nome; ele resmungou alguma coisa ameaçadora. Fiquei com medo, aquilo estava parecendo um filme de terror. Se o meu primo não tivesse me contado que era sonâmbulo eu acho que nem chegaria perto dele, pois ele parecia estar possuído por um espírito maligno. Ele ficava o tempo todo de cabeça baixa, com uma respiração ofegante e resmungando coisas estranhas.

Eu precisava acordá-lo e leva-lo pra casa em segurança. Ao contrário do que se pensa, não tem problema algum em acordar um sonâmbulo; o máximo que pode acontecer é ele acordar, ficar confuso por um breve momento e logo fica bem. Percebi que Carlinhos não tinha nada nas mãos. Foi então que cheguei perto, abracei o meu primo e com voz firme o chamei pelo nome. Ele acordou parecendo meio perdido e confuso, quis saber o que houve e eu pedi que me acompanhasse.

Finalmente consegui leva-lo pra casa. Fiquei preocupado com a reação dos vizinhos, pois não sabiam o que estava acontecendo e se chamassem a polícia, seria um saco explicar aos policiais sobre o sonambulismo do Carlinhos àquela hora da madrugada. Caminhamos quase uns mil metros e entramos em casa. Meu primo parecia cansado, sonolento. Acompanhei-o até a cama e pedi que deitasse e descansasse; falei pra ele que pela manhã eu contaria tudo que aconteceu. Carlinhos deitou e dormiu quase que instantaneamente. Já eu, passei a noite em claro tomado pela adrenalina.

Pela manhã, fiz o café e esperei meu primo acordar. Não quis chama-lo. Carlinhos não demorou em acordar e levantou cedo. Quando chegou à cozinha, me olhou com cara de quem sabia que tinha feito bagunça por conta do seu sonambulismo. Antes de dizer bom dia já foi pedindo desculpas pelo transtorno. Eu abracei o meu primo e falei que não precisava se desculpar. Eu disse que compreendia perfeitamente toda a situação e que graças a ele, eu tive uma madrugada extremamente “divertida”.

Enquanto tomávamos o café da manhã, narrei de maneira leve para o Carlinhos todo o episódio ocorrido na madrugada. Deixei bem claro o imenso carinho que eu sentia por ele e o aconselhei que procurasse um médico especialista em sonambulismo para tratar o seu caso; para sua segurança e das pessoas ao seu redor. Meu primo concordou comigo e disse que faria isso ainda naquele dia. Preocupado, decidiu voltar para sua casa imediatamente e pedir ajuda dos pais para que o acompanhassem ao médico. Ele percebeu que precisava buscar ajuda.

Seus pais já cobravam isso dele há algum tempo. Carlinhos arrumou suas coisas e antes de ir embora, me abraçou, me agradeceu por tudo e novamente pediu desculpas. Eu disse que não precisava se desculpar. Abracei-o com força, disse que o amava e que ficaria muito feliz em saber que ele estava buscando um tratamento. Pelo que fiquei sabendo, Carlinhos buscou um tratamento médico com o apoio de seus pais e nunca mais teve que passar por aqueles traumáticos episódios de sonambulismo. Passou a poder dormir tranquilamente como qualquer pessoa.

Quem é o rei? | Thiago Lauriti

Em algum lugar de Pasárgada sem amigos, sem tesouros e sem reis, segue a ficha de mais um paciente.

HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DE PASÁRGADA

GUIA DE ENTRADA DE INTERNAÇÃO – FICHA DO PACIENTE

Nome do Paciente: sem identificação Sexo: F Idade: 19

Diagnóstico: Psicose endógena grave com Esquizofrenia acentuada.

Tratamento: Uso de Antipsicótico típico (ou neuroléptico), Choques elétricos.

Sugestões: Clorpromazina, Haloperidol, Perfenazina, Tioridazina, Mezoridazina, Trifluoperazina, Flufenazina.

Aconselhado o uso de antidepressivos como: Mirtazapina, Sertralina, Amineptina, Tianeptina e Hypericum Perforatum.

Conclusão: Inadequação com a realidade ENFIA ESSA VAGABUNDA EM UMA CELA ACOLCHOADA!!!

Penumbra. Dedos escorregam pelo lençol amarelado por tantas loucuras. Amarras de algodão cru nos pulsos e tornozelos. Aqui a existência é uma aventura inconsequente. Não consigo abrir os olhos... Sintomas psicóticos caracterizados pela desintegração da personalidade e por conflitos com a realidade e por alucinações. Quieta! Eventos psicóticos - particularmente enganos e alucinações - são os mais dilatados e reconhecidos sinais de esquizofrenia. Cale-se! As alucinações são formas fragmentadas de ver Pasárgada, é lugar aonde se vai sem nunca ter ido, lugar em que é possível ter, sem nunca ter possuído. Fragmentos de pessoas, lugares e palavras...lugar mítico da felicidade.

Os delírios persecutórios podem tomar a forma de ver e ouvir coisas que não existem. Os delírios da audição... EU NÃO PRECISO MAIS ASSISTIR SUAS AULAS! ... Ah! os mentirosos sentidos dos sons, tal como ouvir vozes, são os sintomas mais ordinários. Ela já está se acalmando. Pontos e contrapontos de mim mesma... Os enganos são crenças fixadamente falsas e as mentiras são as verdades que não tiveram tempo de acontecer. Enganos e traições podem... Franz, CALA A BOCA!!! ... seres esquisitos (estrangeiros

invisíveis entram num comum instrumento elétrico) ou bizarros (ciúme infundado ou crença paranóica... ME TIRA DAQUI!!!! ...de perseguição ou de ser observado). Os sintomas psicóticos acometem normalmente homens entre as idades de 17 a 30 anos... PARE... ... POR FAVOR!... ... e mulheres entre 20 e 40 anos. Os sintomas fundamentais apontam para a dissociação da ação e do pensamento e se expressam por delírios, por alucinações auditivas. A maioria dos pacientes, todavia, exhibe alguma evidência de esquizofrenia antes da primeira intercorrência. ME DEIXEM SAIR! *“Em Pasárgada tem tudo. É outra civilização. Tem um processo seguro de impedir a concepção”*. CHEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEGA!!!!!!!!!! Franz, pára! Basta.

Depois do episódio inicial, esses sintomas psicóticos ocorrem esporadicamente e são entremeados por períodos de remissão... Foi você quem me enlouqueceu, Franz... lacunas em branco na mente, eu não sei onde estou. Franz... foi você quem me salvou? Você me acordou? Pesadelo absurdo. Me beija, por favor – ele se aproxima da cama e a beija - com gosto de espelho – morde os seus lábios sangue quente, insípido, ferroso - beijos deslizam para o pescoço. Dentes afiados - carne é tão fácil de ser rasgada... Sangue fluindo pelo ferimento, tão quente, tontura, visão obscura, braços e pernas dormentes, ouvido tapado, zumbido como se estivesse boiando em mar tranqüilo, à deriva. Não consigo respirar... ar quente, abafado, estagnado, úmido, mofado... Não consigo respirar! rarefeito, denso, empoeirado...

NÃO CONSIGO RESPIRAR!!! ESTOU MORRENDO!!! ACORDA! ACORDA!

Então o pesadelo acaba. Quando voltava do delírio toda aquela fantasmagoria tornava-se uma tristeza calada. Abro os olhos e tudo está em seu devido lugar escuro e modorrento. Ascensão dolorosa do abismo, trepando pelas paredes, arrancando a pele, deixando as unhas. Tudo para tombar outra vez e perde-a. Silêncio quebrado pela grade do circulador de ar, batendo na proteção, zumbido sufocado do ventilador. Ao meu lado, as cinzas de Franz. Que saudade, querido! Vontade de me matar. Vou de volta pra Pasárgada. Lá, eu sou o rei!

Escolhas | Jaime Elias Vieira

Então eu estava ali sentado, chorando, olhando para minha mãe que não via a mais de 15 anos. Ela deitada naquele caixão, sem falar, sem abrir os olhos, sem movimento ou qualquer expressão.

Este ambiente me fez lembrar o dia que sai da casa dela em busca de minha emancipação. Minhas lágrimas de agora eram as mesmas lágrimas doloridas daquele dia.

Minha dor era uma mistura de remorso e arrependimento das recusas feitas daqueles diversos convites feitos por ela para almoçar aos finais de semana ou datas festivas.

Nem a ajuda financeira que eu proporcionava a ela era capaz de minimizar o peso da minha consciência por estar longe há tanto tempo. Todo meu sucesso e conquistas permeados por conta deste afastamento, que para mim era tão importante em outrora, já não tinha o mesmo valor neste momento.

Só conseguia me lembrar daqueles simples, mas prazerosos finais de semanas onde passava as tardes jogando cartas com minha velhinha.

A saudade, que antes não me perturbava, agora me feria muito. Até mesmo as manias que me incomodavam, as broncas, as palmadas de infância e as limitações da adolescência era sinônimo de carência e saudade.

A cada amigo ou parente que se aproximava de mim, percebia que meu sofrimento era muito maior que o dos outros. O desespero presente em minhas expressões deixava claro minha necessidade de voltar no tempo e mudar minhas escolhas.

Na verdade, a partir daquele momento, percebi que os frutos adquiridos pelas minhas conquistas, já não me bastavam. Que todo aquele sucesso pessoal e profissional que tanto me orgulhava já não me preenchia como antes e que se pudesse voltar no tempo trocava tudo isso para simplesmente poder passar à tarde jogando cartas com a minha velhinha.

Memórias e Histórias de Preto Nicó | Lorena Penna Silva

Seu Nicomedes, conhecido como seu Nicó, era um preto retinto, esguio, cabeça alva, usava quase sempre uma calça comprida e uma camisa social de linho brancas, de aparência surrada. Ele prostrava-se numa bengala e sempre tinha no bolso rapé para uso pessoal e coletivo. De bom papo, conquistava a todos no primeiro momento. Conhecíamos-lo desde lá pelos idos de 90 e nessa época ele já aparentava ter uns setenta anos.

Por vezes arrogante, arrotava grandeza, a qual não vivia, dizia ter muitos amigos dentre eles os endinheirados. Seu Nicó era figura carimbada no Pelourinho. Não tinha esquina, transeunte, comerciante e nem morador que ele não conhecesse ou pelo menos soubesse do histórico familiar.

Ninguém sabia ao certo onde ele morava, vivia aqui, acolá, perambulando pelas ruas do Pelourinho e adentrando nos casarões antigos para papear com as pessoas que ia fazendo amizade nos becos e ladeiras do Centro do Histórico.

Ele dizia ser proveniente da Ajuda, um dos bairros que cercava o Centro Histórico, tudo muito próximo. Andávamos um pouco, subíamos e descíamos algumas ladeiras e chegávamos rapidamente nela. A Ajuda também fica bem perto da Barroquinha, onde surgiu o primeiro terreiro de candomblé nagô da Bahia, e viviam nas suas ruelas pessoas entendidas do asé e que circulavam pelo centro. Homens muito bem alinhados que só eram identificados pelo fio de conta no pescoço e mulheres negras, vendedoras de quitutes, fateiras, ganhadeiras de roupa que com suas guias pagavam o chão para fazer seu santo. E é de lá que Seu Nicó sempre trazia histórias místicas e do candomblé, como da Casa de Maria de Ogum contra a qual um homem arruaceiro costumava blasfemar ao passar pelo portão e num dia qualquer, afoito, tentou adentrar e tomou-lhe uma bofetada, cuja face virou o lado e que ninguém sabe de onde veio, só se ouvia gargalhadas da porteira vazia.

Sabíamos que Seu Nicó tinha dois filhos porque ele mesmo falava que eram dois armários de tão robustos, mas ninguém o via frequentemente com seus filhos, o que sugeria que havia pouca proximidade, típica de conflitos familiares que ninguém sabe quem tem a razão, ou se ela existe. A ex-mulher de Seu Nicó, essa sim, era presente. Uma mulher branca, forte, chamava-se Marta, e ele a temia e corria dela como o diabo corre da cruz. Chegou ao ponto dele se esconder, encolhido, atrás do guarda-roupa na casa da

vizinha ao avistar Marta ouriçada atrás de um tostão para o sustento dos filhos. Mesmo assim, ele a admirava, sem medida! Desde a comida que ela preparava, à forma de cuidar dos filhos e aos berros e bofetões que lhe dava.

Ele vivia de bico, de favores, nos quartos de aluguel no Pelourinho. Não tinha emprego fixo desde que recebeu baixa dos serviços prestados ao exército. Acredito que era difícil um negro, pobre, altivo conseguir emprego digno no Brasil por volta dos anos 40, 50. Para ele restava trabalhos braçais, mas Sr. Nicó encantava-se com as artes, com o cotidiano das pessoas e com o saber popular que adquiriu com muita riqueza nas suas vivências. Ele queria voar, mas pássaro negro assim que se entende por gente tem as asas cortadas, para não sentir cheiro de liberdade e nem aprender a alçar grandes voos. *Se aquieta homem-pássaro, amargue o fardo da sua condição. O dissabor que lhe é atribuído pelo fato de existir e ser o que é.*

Sempre esteve envolvido com blocos afros. Ele era todo encantamento! Dizia-se ser o apito de ouro do Muzenza e estava sempre na linha de frente, cadenciando a banda. Ah, como ele amava o Muzenza. Quando não estava com sua roupa branca, estava vestido com as fantasias do Muzenza. Não era só um bloco, era a representação da sua negritude, era sua ligação com a África, eram os adornos, tecidos, sons, batidas, musicalidade, histórias que diziam a ele quem ele era, quais suas raízes. E ele tinha orgulho da sua raça e respirava o Muzenza com emoção e devoção.

A sua itinerância vem também das antigas Escolas de Samba do Nordeste de Amaralina e de lá acredito que tenha surgido sua amizade com Jaime Baraúna e a parceria para fundar o bloco “Não deixe o Samba Morrer”, que infelizmente não seguiu em frente, talvez por aportes financeiros inexistentes ou por desentendimentos. De outra vez, estava envolvido com o bloco “Mercadores e Cavaleiros de Bagdá”, uma releitura do bloco da década de 50, fundado por negros do Recôncavo da Bahia. Era lindo de se ver, fantasias glamourosas, repletas de firulas, parecia uma caravana beduína com mulheres vestidas de odalisca, em cima de camelos. Era um frisson à época, principalmente para os saudosistas dos antigos carnavais e para os moradores que apreciavam o bloco ao passar pelo Terreiro de Jesus, caindo no Viaduto da Sé.

Quando queria, movia céus e terra para ajudar as pessoas e com suas artimanhas sabia chegar onde queria. Uma delas era levar as moças, cujas casas frequentava, para tentar a sorte e conseguir um emprego nas pequenas lojas da ladeira da praça ou nas lojas de artesanato na Rua das Portas do Carmo.

Outra dessas artimanhas era que ele também gostava de ficar cercado das pivetes no Cruzeiro de São Francisco, contado vantagens e causos da vida noturna do Centro que ele conhecia na palma da mão, e de vez em quando puxava um cigarro com a garotada. E as pivetes galhofavam com suas histórias e terminavam a noite no antigo Baitakão. Ah, eram os melhores lanches! Da Rua Chile sentia o cheiro... o Baitakão ficava no Elevador Lacerda e era o ápice da gostosura das crianças e adolescentes pobres do Pelô. Quem perambulava pelo centro sabia que era visita carimbada, o local, principalmente ao cair da noite. As mulheres que vinham das boates, os cafetões, os traficantes, os ambulantes e os moradores locais não deixavam de visitar.

Sr. Nicó era também um frequentador da vida noturna e não havia boate, cabaré que ele não tenha ido. Dos elegantes, com suas damas cheirosas, de peles aveludadas, impecáveis e que eram alvo de disputa à ficha por uma dança galante, como o Rumba Dance, na R. da Ajuda, a Pigale e o Tabaris Night Club, na Castro Alves que estava no seu auge, aos modestos, cujo público e atração se confundiam, pela mesma condição financeira, como era o Sayonara, o Maria da Vovô e o 63 que ficavam na ladeira da montanha e no comércio. Diz-se que até a Mulher de Roxo por lá passou ou foi no Buraco Doce? Ao certo não se sabe. Essas casas animadas, com lindas mulheres expostas para homens eram a sombra do desespero de mães que precisavam garantir o sustento da sua família e cujos filhos nem imaginavam pelo que elas passavam, mas o dinheiro chegava para pagar as contas. Muitas abandonadas pelos maridos. Outras eram exploradas por gigolôs e pelos cafetões que já ficavam na saída para tomar-lhe todo o dinheiro. E quando as rugas chegavam era o desespero de uma aposentadoria amarga, solitária, pobre e dilacerada no corpo e na alma que levava muitas a loucura ou ao suicídio.

Seu Nicó não pertencia a nenhuma religião, mas tinha muito respeito, principalmente ao candomblé, porque era na Barroquinha, naquela época, que viviam muitos pais e mães de santos oriundos diretos de africanos e ele desde menino presenciou muita coisa.

Uma vez, Sr. Nicó ficou bem doente e aconselharam que ele fosse na casa de Seu Raimundinho, que, segundo informaram, era entendido das coisas do santo. Chegando lá, Seu Raimundinho lhe deu uma lista: alcatra, vinho do bom, uísque, cigarro Carlton e Hollywood, perfumes. E Seu Nico, desesperado, cedeu ao charlatão, e seu quadro piorou até que o encontraram prostrado na Igreja de São Domingos. Magro, sem dinheiro, quase não se ouvia a sua voz, e ele sussurrou, “mandaram um feitiço para mim, só pode ser coisa

feita!!”, e realmente era. Desceram com ele correndo para o Taboão, que fica à esquerda do Largo do Pelourinho, com suas ruas estreitas, de pedras portuguesas, e subiram em um dos prédios que lá ficam, cujos apartamentos antigos, de tão grandes, pareciam uma casa. Bateram à porta e sua neta atendeu. Explicaram a urgência, e saiu de um corredor estreito e amplo, logo após a antessala, uma senhora cabocla, forte, invocada, vaidosa e muito cheirosa e que carregava no pescoço um fio de conta amarelo. Era dona Lozinha, uma mãe de santo conhecida naquelas cercanias. Ela receitou alguns ebós para passar no corpo e muitos banhos de folha que foram pagos pelos seus amigos. Logo no primeiro banho já se viu o resultado. Seu Nico, que mais parecia um morto-vivo, parece ter ressuscitado. E a partir daí, tornou-se um fervoroso devoto de Omolu. Atotó! Silêncio! O Rei das palhas vai passar e com seu azé levará todas as mazelas criadas e resistentes por nós, humanos, e aquelas invisíveis ao anel do doutor e ao olho nu. Passou a usar uma conta de cor preta e branca. Mas Seu Nicó era um exímio comunicador, Iaroyé!! Era o próprio exu encarnado.

E tratando do charlatão que surrupiou Seu Nicó, as pivetas não deixaram barato, partiram em caravana para sua porta e deram-lhe pedradas, insultos e ameaças e o caso correu quarteirões aos risos e piadas .

E a vida de Seu Nicó engendrava-se e prosseguia-se no vaivém dos acontecimentos diários e das invenções que ora povoavam sua cabeça fértil, ora confundiam-se com a realidade por vezes dura, perversa e injusta. E quem se importa com um homem, negro, velho e sonhador?

E assim sua existência se esvaiu, sem dar tempo de percorrer as ruas históricas marcadas por suas pegadas. Sem abraços afetuosos e sem registros e nem legados. E foi tudo tão rápido! a doença, a pobreza, a solidão, o desgosto, o levaram. No seu enterro meia dúzia de pessoas e um discurso caloroso de Sr. Clarindo Silva, da Cantina da Lua, no qual afirmava se perder uma enciclopédia ambulante.

Fé: neurastenia ou realidade? | Bárbara Braga Penido Lima

Tentei explicar o que era fé para mim mesma, imersa em meu submundo cognitivo. Um mundo que se encontra sob as camadas de ideologias sobre espiritualidade, teologia, credices, esoterismo. Um mundo por trás dos modismos religiosos e espiritualistas da atualidade. Ao repensar as práticas de fé do indivíduo, percebi um cenário vasto, amalgamado e fundamentado em idiossincrasias. Essas práticas deveriam ser respaldadas por um lugar de fé. Porém, ao derredor, observando o mundo humano, entendo que o lugar de fé é que deriva da forma como se pratica uma ideia de religião, misticismo, espiritualidade e etc. O lugar de fé é um não-lugar. É um estado d'alma. Explicar a fé pressupõe um esforço imaginativo gigantesco, posto que compreende perscrutar pelos itinerários da credice humana, tentando entender um pouco daquilo que nos comove a alma. A ideia de fé me trouxe verdadeiro desassossego na cabeça, uma comichão no pensamento, muitas inquietações noturnas. Obviamente, tais reflexões emergiram em minha mente em momentos de solidão. Aquele tipo de solidão que deixa uma sensação de vazio existencial, de refletir sobre o significado de tudo e do nada, de criar mais perguntas que respostas.

Solidão e fé, caminham juntas, por vezes. Talvez, por pensar que absolutamente só, a prece seja mais sincera e mais real. Por outro lado, seja porque a solidão total seja o único estado em que conseguimos ouvir nossos próprios pensamentos. Eu estava perdida no labirinto criado pelos meus pensamentos. Revivia memórias com intuito de descobrir que tipo de fé era a minha, uma fé desconfiada em acreditar em Deus, na bondade humana, num mundo melhor? Ou seria uma fé confiante em desacreditar na forma como delimitaram Deus, como definiram a bondade humana e como redesenharam o horizonte de um mundo melhor? É o tipo de situação que nos faz questionar a sanidade. Por que implicar logo com a fé? É uma sentença positiva na vida de todo homem, que já a traz em sua consciência. Já nascemos em posse dela. Mas, eu duvido. Não acho possível acatar com submissão uma ideia simples de algo tão complexo.

Sem perceber, construía teorias sobre a fé. E todas as teses resultavam numa dialética de ideias febris. Embora um ou outro axioma surgisse, nenhuma lógica racional servia de argumento explicativo. Não encontrei métodos para entender a fé, meus aportes teóricos prescindiam do que eu sentia. O desejo de apreender a fé e traduzir seu sentido em palavras reinava em meu interior. Meditar sobre a fé resultava em meditações sobre

mim. Com palavras eu perseguia a explicação daquilo que seria perfeito no sentir e no conhecer. Mas, como afirmar que todo conhecimento é perfeito? O ser humano é um quebra-cabeças de imperfeição. Claro estava a ousadia da minha empreitada de querer descrever a comunhão com essa perfeição. Estaria eu em pleno juízo? Não. Como abrigar no arco das palavras algo do inconsciente, quase inatingível nessa plaga?

Eu me agitava em meio a tantas ideias. Pensei na fé como inerente a prece, presente na solidão da prece e no amor que bendiz a prece. Seria possível uma resposta elaborada para isso? Senti um cansaço enorme, daqueles que nos fazem dormir em minutos. Mais forte se tornava o torpor no corpo e o fechar de pálpebras. Será que dormi e sonhei? Pois me vi em outro cenário. Era estranho e, ao mesmo tempo, familiar. Havia um velho, carcomido pelo tempo, de mãos limpas e dedos pequenos, riso pequeno, sentado na minha frente. Na frente do velho sentava-se a minha versão infantil, não a pessoa de trinta anos. Eu era aquela criança assustada com esse mundo (quando o mundo não é de assustar?) perante a velho de camisa de flanela, uma calça de brim desbotada, que estava ali sentado no chão. Desde quando velhos se sentam ao chão? E o velho, sorridente, a julgar meus olhos de tristeza que muito diziam para uma boca muda, afagou minha cabeça. Sua expressão ficou séria, como se alguém pudesse ler toda a dor do outro, sentir, entender. Ele conseguia saber tudo sobre mim e tudo sobre tudo, mas não era Deus. Com certeza não era a onisciência, a onipresença e a onipotência ali na minha frente. Mas, era alguém que diante da minha imagem infantil, afugentava o medo. Talvez poderia afugentar também um pouco das dúvidas. Começamos a conversar, mas não me recordo de ouvir o som das palavras.

Aquele senhor estava ali em minha frente? Não sei. Talvez seja apenas uma condição pseudoneurasténica para eu conseguir, ou tentar, dar um sentido lógico para a ideia de fé. Talvez o doido não se acerque de sua loucura, neste caso eu. Porém, não estou aqui para questionar minha sanidade. Nos dias de hoje, quem tem sã consciência para se dizer pleno de todas as suas faculdades mentais? Em algum dia, as pessoas já o tiveram? Platão estava certo sobre a história da caverna, mas se esqueceu de contar para o resto do mundo como a humanidade se libertaria daquela prisão. Porque não é suficiente o dilema entre a guerra travada entre a sociedade que ficou e o sujeito que saiu da caverna. Também não é um final resolutivo dizer que o homem que saiu da caverna foi morto por aqueles que tinham medo de ir embora ou deixar mais alguém sair. O homem só

progrediu porque era curioso, e um pouco preguiçoso. Logo as ideias estavam fora de lugar. O mundo, o meu mundo, estava fora de lugar.

E quando o indefensável passa a ser defendido, quando o conhecimento como condição do progresso humano no campo da ética e da moral é desprezado, é hora de ter fé. Se os impropérios que regem a atual vida humana estão em voga, então surge a fé como um sentimento de ordenação das causas do mundo ou de ordenação para as causas do mundo. Todos sabem de quais impropérios subscrevo, basta refletir ao seu redor. O mundo que se aproveita da controvérsia das palavras e distorce caracteres é uma produção infinita de impropérios. Um mundo de duplos sentidos que a retórico nos produz n'alma, em que há possibilidades para ações sem remorsos nem consciência. Nesse momento, a fé se torna algo mais difícil ainda de encontrar, pensar e sentir. Está longe do óbvio que alguns doutos fazem parecer. Está longe do que possa ser descrito ou simplesmente compreendido.

Fico meditando sobre esses fatos. O velho senhor está ali ainda, sentado, observando, quase sorrindo. Eu estou aqui, sentada, com minha figura de criança porque não faço ideia do que estou fazendo. E, para minha versão adulta, é justamente como as crianças se comportam algumas vezes, daí sua inocência, sua espontaneidade, sua graça. E nessa situação esquisita eu pergunto ao velho: “Como posso ter calma? Eu devia perguntar sobre a fé, mas ao pensar no meu mundo, eu questionei sobre a calma e a paciência... me parecia mais lógico. Se é preciso perseverar para ter fé, é preciso se acalmar. E como ter calma nesse mundo?”

O velho continua sentado. Não revela nenhum tipo de inquietação. Ao contrário, ri da pergunta. Responde a pergunta com outra: “É possível viver nesse mundo sem ter um pouco de calma? É possível querer estar nesse mundo sem ter um pouco de fé no futuro? A desordem posta exige uma bússola orientadora, mas é a fé. É essa bússola interior que te alimenta aí dentro e cria o desejo da vida pela vida. A capacidade de perceber coisas boas num cenário hostil, perturbado, amedrontador ou tudo isso junto, é a capacidade de ter fé. Ainda que não se perceba, ela está ali, diminuta, não dá para ver, tocar, e, às vezes, sentir. O desejo em prosseguir lutando pela vida é um desejo de fé. O problema é onde cada um deposita a sua... Este é outro problema, outra situação. Fé todo mundo tem. Só não sabe o que faz com ela...” Eu, por minha vez, não aceitava essa resposta com uma lógica simplista.

Nos jargões de tantas religiões espalhadas por esse mundo de Deus(es), fé se conquista. Um discurso que me deixa contrariada, porque a fé somente é uma vitória após uma longa trajetória de sofrimento até que o cerne humano esteja reduzido a sua própria miséria. Seguindo esse raciocínio, a fé é exterior ao homem. E se ele acredita nisso, é um iludido com vistas a se tornar um fanático. Muitos ostentam suas trajetórias de calvário para se vangloriar de autos de fé escritos em púlpitos de dor. A tragédia toda desse tipo de ideia é a venda dessa propaganda e quantidade de gente que compra esse “testemunho”. Num mundo em que tudo se tornou histeria, a fé virou uma de suas vedetes. Pensei nisso tudo para responder apenas: “Não pode ser assim.” O problema é que o velho era mais coerente que meus pensamentos. A explicação dele tinha sentido. Não tinha sentido para mim, porque eu queria algo que se encaixasse no meu mundo. E quem não quer uma explicação mágica?

Ele completou seu raciocínio: “Fé não nasce da dor. Fé não é enfeite que se herde. É um feito, nosso, interior. Você pode até dizer que pertence a uma igreja, como eu pertencço a outra. Mas, a maneira como eu sinto minha fé, é única e minha. Minha igreja não me ensinou a sentir fé como a sua também não a colocou como parte de um projeto educacional. A educação pela fé se restringe ao ensino de valores e não alcança o sentimento de fé. Um sentimento maior que o homem, mas que está na sua natureza, no seu mais íntimo. Está ali, escondida. Está ali para ser descoberta depois de inúmeras tentativas, falhas em sua maior parte. Os fracassos no meio do caminho são como um pedágio, o seu quinhão a pagar... e, apesar da cobrança vir disfarçada de desespero e desamparo, paga-se o que deve e tenta seguir adiante. É uma autoestrada. Mas percorremos nossos próprios labirintos, interrogando os nossos vazios. E é neste momento que atingimos a compreensão do sofrimento humano.” O velho, sabia o que estava dizendo? Eu não conseguia saber.

“É longo um mistério a definição da fé. Ela não pode ser gestada no sofrimento senão tudo que engendramos em nós, não passa de uma bonita ilusão para pessoas pedantes. Fé requer força, menina! Compreender a vida, em todos os seus estágios, de alegria ou de dor, é o que nos fortifica na fé. Se o sofrimento deixou de ser um mistério, ele deixa de ter poder sobre nós. A clausura perde sua mágica fechadura. Mas, para alcançar essa liberdade é preciso saber ouvir do próprio silêncio. É no silêncio das nossas tempestividades, de nossas considerações, que podemos tentar contato com nossa consciência. E da intimidade dessa relação, do “conhece-te a ti mesmo”, que a fé nasce

ou renasce (se formos negligentes). A fé é um mistério e carrega em si algo de maravilhoso, mas intraduzível”. Disse isso e se calou.

E o velhinho me diz algo, em tom de confiança. De soslaio, escuto algo sobre o amor e a humildade. Não compreendo. Mas, ele acena e afirma: “ambos representam sinais de força da fé, ambos são ideias que não se explicam, mas são exemplificadas. O homem toma o melhor exemplo do que poderia ser o amor e a humildade para idealizar. Quando ele apreende os seus sentidos e se torna um ser do mundo, que ama ao mundo, compreende os mistérios da fé. Mistérios que não preciso comentar”. A fórmula era simples: amar o mundo. Para amar ao mundo, esse mundo tão atribulado por egoísmos, violento com todos nós, soberbo em distinguir pessoas, é preciso ter fé. Apenas a fé nos redime com o outro; demovendo nosso orgulho e egoísmo destemperados. A fé é a única combatente dessas feras sentimentais, que nos devoram por inteiro enquanto nosso desejo é devorar o outro. Ela tem muito do amor e da humildade.

Nesse momento, fiquei quieta, só escutando o que ele me dizia. Agora falava sobre Deus e a fé: “Deus(es) tem fé, porque acredita em nós, mesmo quando a criação é decepcionante. Do que adianta o eterno criar, se a criação em nada acabar? Compartilhamos algo do divino. Somos uma extensão dele, minúscula. Ínfima. Espalhados por tantos cantos, tantos lares, tantas paisagens. Porém, isso não basta para o homem. Ele insiste em ver o seu Deus conforme o seu desejo. E seu desejo está longe do simples conceito de amar ao próximo. Deus seria esse amor. Não o amor dos beatos. Não o amor dos santos. Digo o amor do homem que vê no seu semelhante sua própria dor e, por isso, toma o desconhecido como seu irmão. O mundo transforma-se no processo, o mundo daquele homem. A fé nos impele a uma força transformadora, não para chegarmos ao paraíso...” falei ao velhinho que isto era impossível. Ele concordou. E sem titubear me disse: “a chave da fé está no esquecimento. Esquece a causa da dor, a dor, as coisas desimportantes do mundo. Nada é permanente, exceto você”. Eu não disse mais nada, fiquei ali muda e sentada. O velho sumiu da minha frente. Bobagem. Refleti sobre o que houve e penso que tive uma alucinação. E qual o problema, se eu nem sei se existo de verdade? E quem é que vive de verdade, vive uma vida plena e cheia de significados importantes?

CRÔNICAS

Quem Procura Acha | Aline Vieira Malanovicz

Esses dias, realizei os exames anuais da Medicina do Trabalho. Sim, eu sei, todo mundo sabe, que a gente precisa cuidar da saúde. Porque é o que tem pra hoje, e para os próximos dias, meses ou anos, nesta perpétua contagem regressiva que deixa no suspense sobre quando vai acabar. Aliás, a percepção que a gente tem da passagem do tempo é diretamente proporcional à quantidade de exames que são solicitados. Se apareceu mais um exame pra fazer, é porque a gente já tem uns cinco anos a mais do que se lembrava!

Aos vinte anos, basta um hemograma completo e o infame xixi-no-potinho. (A propósito, são só os jovens que têm flexibilidade e coordenação suficientes para fazer essa verdadeira ginástica!) Já ali pelos trinta é quando começam a pedir testes de glicose e colesterol. A gente sabe que passou dos quarenta quando vem a pavorosa mamografia (aquele tal de aperta e amassa e esmaga – ugh!), e para os homens, o temido exame da próstata (que é feito com anestesia, mas ainda assim mete medo neles). Depois dos cinquenta, aí já viu: a cada ano surge uma novidade, e a gente vai descobrindo cada item do cardápio de exames dos convênios.

Mas eu ainda estou jovem demais para isso tudo... Nem tenho cabelos brancos. (Eu acho, não verifiquei ainda hoje... Cadê a tintura que estava aqui?) É bem verdade que, nos últimos anos, o meu peso fechou o dia em alta mais vezes que o dólar. E que o adorável número 42 dos meus jeans foi crescendo e crescendo até o 46... (Aliás, esses caras que inventaram a numeração das roupas poderiam usar fraçoezinhas, né? A gente passaria do 42,0 para 42,1, depois 42,2... 42,3 e tal, coisa que, arredondando, continuaria 42.) E o tal IMC? Pega o peso, a altura, multiplica, divide, eleva ao quadrado. Ah vá! Inventem algo mais simples! Se não me engano, foi o Einstein quem já demonstrou que todo o espaço em todo o Universo é cheio de curvas. Por que euzinha não seria? Estou apenas seguindo uma Lei da Natureza!

“Exercícios”? Faço. Sim, claro que faço. Diariamente! Halterocopismo, Levantamento de Garfo, Maratona de Filmes e Séries, Caminhada Rústica Ida-e-volta entre a TV e a Geladeira, e finalizo o treino diário com a prática de Sono de Longa Duração. Até me admiro que essas incríveis modalidades não estejam nas Olimpíadas...! “Dieta”? Sei também. É aquela coisa que as pessoas começam na segunda... e terminam na terça!

A única parte boa disso é a “preparação”: o fim-de-semana anterior, que é a hora de “chutar o balde”, “meter o pé na jaca”, fazer a festa-kerb de “Despedida de Gordice”.

Alguém já disse que, na velhice, vamos sentir arrependimento somente por nossas omissões. Como, então, que eu poderia deixar de comer, por exemplo, este precioso, magnífico, espetacular docinho de ameixa com fios de ovos e calda de caramelo? Não mesmo! Olha só pra ele! Que primor da culinária! Que obra-prima da gastronomia! Chega a ser poético.

E agora vou conferir os resultados dos exames. A-do-ro esse momento! É tão bom a gente poder verificar que a nossa máquina não está dando oficina! Poder apreciar a beleza que existe na regularidade dos numerozinhos todos dentro dos intervalos de valores dados pela palavra mágica “Normal”! Tão lindo, tão suave, tão tranquilizador! Ver isso traz uma paz, um sentimento de gratidão, uma sensação de comunhão com o Cosmos... Então vejamos...

Quê?!? Mas que coisa é esta fora dos padrões?... Tri-gli-ce-rí-dios?!?

Desisti do docinho.

Querido Tempo | José Wellington Freire Rodrigues

Me pergunto todas as vezes o que eu poderia ter feito se tivesse outra chance, se o tempo conspirasse ao meu favor e o que eu poderia fazer se ele não passasse por mim tão rápido, com a frieza de quem não me deixa despedir-se adequadamente, de tomar um bom café e bater um papo gostoso com os amigos.

Me pergunto como seriam minhas horas de lazer se pudesse ter um pouco mais desse elemento com nome masculino que está sempre correndo e por nada espera, poderíamos ser amigos algum dia? E se fôssemos, ele poderia me ceder um pouco dele para fazer as coisas que desejo?

Me pergunto como estão aqueles cujo o tempo não foi generoso, que não puderam ver seus amados outra vez, que não puderam dizer eu te amo e que não conseguiram voltar para o jantar, tortura meus pensamentos saber que outros sentem o que sinto, que não terão mais o abraço de determinado alguém, que o tempo por sempre seguir em frente, não retornará para nos dar essa alegria.

A percepção do tempo não é a mesma para todos, isso é irrefutável. Há quem consiga aceitar bem os fatos que ocorrem, mas também existem aqueles que não conseguem lidar com a situação e que a falta de tempo para se usufruir dos momentos, das sensações e das pessoas é intolerável, logo ficamos de mal humor, logo depreciamos a nossa vida como se houvesse mais nada de bom, as vezes é medo de não ter outra oportunidade, pois o tempo é uma das certezas da vida que está passando por nós e esgotando em nós cronologicamente nosso habitar na física.

Costaria de saber o que eu poderia fazer para ter um pouco mais desse elemento tão precioso, vi em todas as épocas filósofos tecerem belas considerações de como o tempo não dura, e ao mesmo tempo dura o suficiente, depende do nosso estado de espírito. Os físicos o estudaram e compartilharam a ideia de que o tempo é relativo, que o dia tem 24 horas porque o ser humano quis assim. Os poetas declamaram suas mais lindas palavras para dizer que este não é amigo de ninguém. Os amantes da noite, das noites frias e do fervor secreto das estrelas revidaram dizendo que o tempo é amigo daqueles que nada querem e nada pedem ao próprio tempo.

O tempo não pode ser exigido, nos é dado uma oportunidade diariamente, minutos e segundos por dia, para se fazer algo diferente e novo e que cabe a nós o desejo e a vontade de fazer ou não.

Gostaria de mais tempo para aprender mais, para de repente ler aquele livro, fazer um passeio. Não gostaria de perder ainda mais desse velho conhecido com horas de viagem para o trabalho, ou preenchendo relatórios, gostaria de andar lado a lado com você querido tempo, para que no decorrer de meus dias não fosse cruel o tempo que não tiro para eu próprio, para que ao final do dia não estivesse exausto, para que sempre que possível pudesse fazer o que gosto.

Querido tempo, sinto que te perco cada vez mais sempre que tento alcançá-lo, que é quase impossível ter você por perto, pois estás sempre na correria dos dias efervescentes e de outras pessoas que precisam de ti, que egoísmo meu te querer só para mim.

Amado tempo, poderia cicatrizar as feridas do meu coração mais rápido para que eu não sofra tanto, dói perder alguém, dói não ter o amor correspondido, dói não ter você sempre que é preciso. Querido tempo o contrário também é válido, passa mais devagar sempre que o momento for feliz, não tenha pressa sempre que me ver sorrindo, é sinal de que está tudo bem, de que estou feliz e está tudo perfeito.

Querido tempo, não sei quando poderei ter muito de ti, para poder realizar meus desejos, sua chegada, assim como sua partida é incerta, não posso contar sempre com você, pois está em constante movimento. Permita-me apenas apreciar cada momento meu com sabedoria, talvez essa seja a maior qualidade que tem me dado, querido tempo me deste uma parte de ti que me fez crescer como ser humano, a maturidade, aprender com os erros e tentar não os cometer novamente. Grato por tudo, querido tempo, sempre que possível ensine-me mais de suas lições.

Os Invisíveis | Sâmia Marília Câmara Lopes

Eu estava dentro do ônibus e este era o primeiro dia em que eu cruzava a cidade, na qual estava morando agora, para chegar até a faculdade. Como dizemos aqui no Nordeste, “o sol tava quente que só”, era quase 13:00 da tarde. Foi a primeira vez que eu os vi, os invisíveis. Usavam roupas que aparentemente, haviam encontrado por aí, cada um carregava nas costas um estilo de bolsa diferente, bolsas velhas de criança, sacolas, sacos, onde, acredito eu, estavam guardados os poucos bem materiais que a ocasião lhes dera.

Eram um lheres e homens, muito sujos, jovens e outros já com uma certa idade. Moravam ali na parada de ônibus, perto da pracinha, em frente ao mercado, lugar este bem movimento. Carros, mulheres, crianças, jovens, homens, avôs e avós, Todo Mundo passava bem pertinho dos invisíveis, mas, Ninguém parecia os ver. Ali era sua casa, eu vi uma torneira onde um deles lavava alguns legumes velhos, vi uma bacia pequena onde outra lavava sua roupa íntima e eu vi que dos bancos perto de onde estavam, dois eram suas camas. Andavam de qualquer jeito, até nus, porém, Ninguém os via.

Um dia uma delas entrou no ônibus, Ninguém a viu, exceto eu. Usava metade de um vestido, estava suja e se dirigiu a mim na tentativa de me dizer algo, pareceu mais um murmúrio, que na cabeça dela eram palavras. Depois me mostrou uma sacola e fez sinal para que eu depositasse algo. Foi então que eu entendi o que ela disse “Me dá um dinheiro aí”. Eu lhe dei dois reais, ela viu e não gostou, pois, era pouco. No outro dia, outro invisível entrou, declamou palavras que segundo ele, estavam na bíblia. Eu não tenho total conhecimento desse livro, mas, tenho quase certeza de que ele deve ter lido em algum outro lugar. Também pediu uma oferta, eu tentei desviar os olhos, só tinha uns trocados de emergência, porém, ele com sua destreza de invisível, me convenceu e levou meu dinheiro.

Todo dia eu passava, quer chuva ou sol, lá era a casa deles, eram um grupo de pelo menos 15 invisíveis. Vez ou outra, um pessoal ia levar sopa para eles, eram os dias nos quais outras pessoas além de mim os via. Um deles, o mais velho, até ajudava a distribuir, era o mesmo que estava lavando os legumes, ele transmitia a ideia de líder, várias vezes ao passar na parada, o via cuidando dos outros, do seu jeito meio estranho, mas, cuidando. No resto das outras vezes, voltavam a fazer o que sempre faziam, ser invisíveis.

Nessas idas e vindas até a faculdade, comecei a entender porque tinham se tornado invisíveis. Eles haviam caído nas ciladas do mundo moderno. Quando, no fim da tarde eu voltava, às 18:00 horas, sempre existia muita fumaça vinda de seus cigarros, um conteúdo de coloração esbranquiçada, ao qual inalavam, na superfície dos bancos e a demência deles parecia ser bem maior que o normal, além disso, essa também era a hora em que brigavam uns com outros. E isso se repetia muitas vezes.

Agora essa narrativa só tem final para mim que os observava, pois, eu finalmente havia concluído minhas horas na faculdade, então parei de ir, não os vejo mais. Contudo, ainda estão lá, não sendo importantes para Ninguém, Ninguém sentindo sua falta, Ninguém se preocupando com eles e Todo Mundo os vendo.

Crônicas de Tubarão II: Pontada | Adriana Carolina Hipolito de Assis

Uma dor aguda! Pensou que iria sufocar: boca roxa, mãos trêmulas, vertigem. Duas da manhã, o marido cambaleando vestiu-se correndo. A ambulância chegou ao hospital. Perdeu o olhar dele, entrou em uma sala, na qual todos diziam: “ela está sibilando!”

— Onde dói vó?! Perguntava ao médico.

O olhar dizia, mas a voz não saía. O médico perguntava da porta: “Quem é parente de Pedra Maria de Jesus?”

Surgiu um senhor, olhar manso, gestos largos. Passava as mãos nos cabelos em quase desespero. Narrou o acontecido e a dificuldade de levantá-la do chão do quarto.

Horas depois estava no quarto. Era enfermaria. Do lado do leito de sua esposa havia duas pessoas e na frente mais três. Puncionaram a veia para pôr o soro, auscultando o pulmão. Estava com pontada e com o coração fraco. Resolvi perguntar à acompanhante do lado o quê a paciente tinha.

— Pontada, tá magrinha a minha princesa. Vai ficar boa se Deus quiser!

— E a outra? Perguntou, apontando a segunda acompanhante de leito.

— Com pontada também, só que o coração tá mais fraco.

Inquiriu as três da frente. Na sequência disseram:

— Ela estava com dor no peito, não veio para internar, mas ficou.

— Vai ver que é pontada também, respondeu à segunda.

— E essa menina? Tá muito jovem pra ficar aqui com tanta velhinha, não?!

— É pontada, ela não come, tá anêmica. Olha como é miúda.

Seu Gilberto olhou para a esposa, estava na hora do almoço. Sopa rala, sem sal. Sabia que a mulher, que era bem fortinha, queria mesmo era carne, arroz, feijão, uns pastéis, umas empadas. Saiu de mansinho e voltou com marmita em punho.

— Trouxe surpresa!

Os olhos dela brilharam, os dois se sentaram um de frente para o outro e trocaram amorosamente sanduíches gordurosos, cheios de ketchup, uns rissoles de carne e Coca-Cola. Ele beijava as bochechas gordas e pálidas de Dona Pedra. Ela sorria, apesar de ter uma sonda de ar nas narinas. Depois se levantou, “amanhã voltarei!”.

Noutro dia, no horário da visita, todos chegavam alegres: “Oi linda! Tá melhor?! Vai melhorar, vamos sair daqui num instantinho”.

Os pacientes do lado de Dona Pedra diziam aquilo, mas sabiam que não tinha volta. Dez minutos depois ocorreu o primeiro óbito: Dona Josefa, não aguentou a pontada aguda e as complicações do coração. Foi uma correria, médicos e enfermeiros tentaram reanimá-la... Na sequência do dia, a outra, que estava do mesmo lado leito de Dona Pedra, faleceu. Horas depois foi substituída por outra senhora, que também não resistiu à pontada.

Assustada com a sequência dos fatos, Dona Pedra foi cercada por médicos residentes. Apertavam-na e inquiriram sobre a diabetes que não melhorava: um dos motivos para a pontada não melhorar.

Naquele momento chegara a acompanhante da frente do leito de D. Pedra. Soube das mortes recentes e disse à acompanhante do lado direito:

— É bom Dona Pedra mudar para o nosso lado, pois parece que o dela é fatal.

Apesar da tragédia, Dona Pedra riu, sabia que era fortinha. Logo após veio seu Gilberto sorrindo:

— Trouxe surpresa!

Vocabulário Regional de Tubarão/SC:

Pontada é pneumonia para os catarinenses.

O Alfaiate | David Felinto de Araújo

Isso não é linho! Parece que foi num saco que me colocaram. Afastem-me esses cálices! Vinhos são tão ultrapassados. Vou chegar atrasado. Talvez minha noiva ainda não esteja pronta. Por que não me serviram de uísque!? Será possível que vou ter que beber o sangue desses incompetentes? Não gosto dessas calças - elas sufocam minhas partes baixas. Onde estão minhas luvas?! Não nasci para empunhar espadas. Gravatas borboletas são horríveis. Cuidado com essa agulha - mais parece um prego. Cruzes! Qualquer chapéu desvia-me do Sol. Só serei hipócrita se acaso me perceberem. Não serei acusado de luxúria - a menos que me delate ao anfitrião. Talvez eu volte a reclamar do alfaiate - ou será eu quem estou acima do peso? Essas roupas já não me cabem mais.

O Cansaço Feminino | Cláudia de Marchi

O machismo cansa. Explicar para homens porque determinadas atitudes e falas são machistas, cansa. E falo aqui em explicar para homens em fase de desconstrução, homens que pretendem abdicar do machismo estrutural, pois com machista orgulhoso a gente não deve desperdiçar saliva. Não vale a pena, é desgaste inócuo.

Encarar o didatismo de homens sobre assuntos que conhecemos é muito desagradável. O menosprezo extenua. Recentemente, no campus, durante um almoço, um conhecido do meio acadêmico lembrou-me de atualizar meu Lattes com minhas produções. Eu sou pesquisadora. Eu estou fazendo doutorado. Eu sou bolsista CAPES. E ele sabe. Logo, sorri educadamente enquanto fervia de raiva por dentro. Na maioria das vezes a ofensa ao intelecto feminino não se consubstancia em dizer “você é burra”, mas em tratar a mulher como se ela fosse limitada intelectualmente. E sobre esse assunto precisamos falar mais detidamente, talvez noutro momento, porque o meu cansaço não me permite esmiuçá-lo agora.

Sim, nós mulheres estamos cansadas e esse cansaço gera ira. Estamos furiosas, pois exaustas. Falamos, não somos ouvidas. Gritamos, somos loucas. Pedimos o que queremos, somos ignoradas. Exigimos, somos desequilibradas. Desabafamos, somos obliteradas. Reclamamos, somos agressivas. Se deixamos as lágrimas de indignação verterem, somos excessivamente sensíveis ou dramáticas.

Outra boa forma de silenciar as mulheres é definir suas atitudes de acordo com seus supostos níveis hormonais ou, claro, ausência ou não de um falo que lhes conceda respaldo. É a tal da TPM, é o tal do “tá precisando transar”. Uma ex aluna, quando seu grupinho foi repreendido por estar conversando durante uma de minhas aulas de Direito das Obrigações, me disse que eu precisava encontrar um namorado novo. Eu estava solteira há uma semana.

Além de tudo, temos que encarar a reprodução do machismo por parte de mulheres. Inclusive das feministas radicais, sempre tão altivas quanto insensatas. Na toada da exaustão temos que enfrentar também o assédio; homens inconvenientes no local de trabalho e/ou estudo; sujeitos esquizoides que confundem boa educação com concessão de liberdade excessiva. E, haveremos de convir, se tem uma coisa que homem gosta muito é de ultrapassar os limites da sensatez.

Eles, seres tão limitados, cujo ego infla tão facilmente! Nunca me esquecerei do R.: nos conhecemos no Tinder em 2014, saímos jantar num final de semana e na semana

seguinte rolou a intimidade sexual. Eu estava lá, animada e me divertindo quando ouço: “Se isso não é amor, não sei o que é.” Namoramos por mais um tempo, ele me apresentou toda a sua família numa viagem que fizemos à Brasília e eu terminei o relacionamento ao aportarmos de volta no Mato Grosso. Ele tinha dois filhos lindos, mas bem pequenininhos. Eu me assustei com a situação e rompi. Acho que ali ele descobriu que foi traído pelo próprio ego. Não era amor, era tesão.

Por que eu estou dando exemplos pessoais tão distintos entre si? Porque eu tenho diversos! E para os mais variados casos de machismo que podem vitimar uma mulher branca heterossexual. O fato é que a gente não descansa de ser mulher, não podemos tirar férias de ser mulher, então os exemplos vão se acumulando, a gente vai se avariando psicologicamente, mas não explode. Não por fora, claro. Por dentro a gente arde, a gente queima, a gente berra!

Eu, não contente em ser mulher, resolvi virar puta! Sim, puta. Sempre primei por ser chamada de acompanhante de luxo ou cortesã. Distinguia minha atitude das demais por nunca ter feito do sexo um trabalho. Também nunca suportei o vulgar termo “garota de programa”, uma vez que sou mulher, não garota. E, era uma cortesã seletiva, cheia de revolta e imposições, o que me levou à fama, inclusive. Mas, aqui registro essa parte do meu passado com a palavra que os machistas e as mulheres que reproduzem o machismo adoram: puta.

O preconceito com essa figura marginal que a sociedade tanto abomina e teme, pois expõe a fragilidade de seus laços afetivos, amorosos e sexuais, é quase unânime: gays não putas (os) não gostam das putas, negros e negras não putas (os), não gostam das putas, trans, queers e toda sorte de minoria que pugna por respeito social, mas não é puta, tende a não gostar das putas ou ter empatia com a sua classe. Aparentemente, só as putas lutam pelas putas, não à toa muita gente acha que as prostitutas só têm ou devem ter amigas que pratiquem o sexo remunerado.

A minha curtíssima carreira de cortesã ficou no passado, mas ela ainda reverbera. A marginalidade da puta me acompanha ainda e com ela tudo o que vivi como professora, como advogada e como estudante soa ainda mais cansativo, pois eu nunca consegui descansar. Se a palavra da mulher não vale muito, a da puta sequer existe, inclusive porque ela representa o oposto da esposa, e apenas essa merece consideração na sociedade patriarcal, pois suas virtudes são avalizadas por um homem.

Vivencio, portanto desconfianças constantes. Eles têm curiosidade sobre mim, mas desconfiam do meu caráter, desconfiam do meu intelecto, desconfiam das minhas

palavras. Desconfiam até do meu passado, da minha história, da trajetória que nunca escondi. Do mundo, recebo menosprezo e subestimação, enquanto minha mente se debate entre ansiedade, ódio e revolta.

Afinal de contas, por que eu fui me tornar acompanhante de luxo? Se eu quisesse ser respeitada deveria ter me casado novamente e seguido advogando e lecionando no interior do país como mulheres dignas e talentosas fariam — meu talento como advogada e professora também foi questionado ao longo dos últimos anos. Enfim eu poderia ter feito qualquer coisa, mas resolvi abrir ao mundo minha apetência sexual num período em que tudo o que eu não queria era viver (mais) um romance heteroafetivo e ser castigada pelo capitalismo com jornada de trabalho de mais de 8 horas diárias como eu era acostumada. Todavia, como todo castigo pra puta é pouco, então hoje eu padeço.

A mulher que queria ser colunista de crônicas em jornal famoso terminou sendo matéria nele. Melhor que nada! Eu fiz o melhor que pude com o que a vida resolveu fazer comigo. Fiz muita gente anônima e insignificante ter que me engolir. Meu ódio ao patriarcado me deu a chance de falar e ser ouvida, ainda que incompreendida. De escrever e ser lida. Ainda que tenha escrito e falado algumas asneiras, sempre fui verdadeira: minha personalidade tem compromisso com a transparência. Com a transparência que grita e retumba na hipocrisia de cada homem, de cada mulher, de cada família de comercial de margarina que se mantêm com base na monogamia unilateral feminina ou em infidelidades recíprocas em prol das aparências e fotografias bonitas em redes sociais.

Tudo tem um preço, porém. E aqui escreve uma mulher exausta. Uma mulher que luta sozinha. Uma mulher machucada, sem dúvida. Uma mulher que sempre apanhou por querer ser respeitada, por querer ter sua história retratada fidedignamente num mundo em que homens heterossexuais se sentem no direito de deturpá-la e outros colocam sua credibilidade em cheque. Uma vez puta, sempre puta. E putas são traiçoeiras, ardilosas e falsas. Elas mentem, elas enganam, elas só querem lucro fácil e nada além. Putas sequer amam, putas iludem.

Como toda mulher eu sou cansada. Como mulher que foi acompanhante de luxo famosa eu estou exaurida, mas persisto. Persisto, porque é isso que nós mulheres fazemos. Foi o que eu vi minha mãe fazer a vida inteira e é o que eu faço desde sempre, apesar do arrebatamento das forças e da exaustão. Eu sou mulher, para além de buscar ter forças, a força me encontra, então eu luto.

POESIAS

Ufes em Bodas de ébano: no fechar das histórias escreve-se valores | Marcelo Calderari Miguel

Autonomia didático, científica, administrativa e na gestão financeira e patrimonial tens.
Luta por múltiplos avanços científicos, tecnológicos, educacionais, culturais e sociais.
Atuação calcada na ética e na indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.
Oportuniza o desenvolvimento sustentável no âmbito regional, nacional e internacional.
Respeito reporta à justiça, à equidade social, à liberdade de pensamento e de expressão.

Diversificada é a sua Carta de Serviços – que açula empreendedoras ações e propala:
Estudar na Ufes ‘não tem preço. Tem valores!’. Isto posto, a entidade expressa ser...

Qualificada
Universidade
Educativa e
Importante
Reduto de
Organização e de
Zelo sistemático.

Acessibilidade é um norteador, bem como é pilar das suas atuações na comunidade.
Referencial de qualidade da autárquica instituição vinculada ao Ministério da Educação.
Avoca fomentar conhecimentos de inovações – contribuir então com a cidadã formação.
Única instituição é – do Estado do Espírito Santo – que revalida diplomas estrangeiros.
Junta diversos serviços: teatro, cinema, galeria de arte, biblioteca, planetário, museus...
Oferta ainda serviços de saúde por meio do Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes.

Perdi Você | Aline Vieira Malanovicz

Eu canto com a musa a perda
de tão importante *partner*,
que tento aqui dizer-vos,
se a tanto me ajudar o engenho e a arte.

Você sabe que eu sem você
somente em sonho consigo
sentir serenas sensações
de saber o que estou seguindo.

Quando quero conhecer qualquer coisa,
quero você aqui comigo.
Acomodada, bem colocada,
com calma, com carinho.

Tento tocar-lhe em tom tranquilo,
Tento tratar-lhe com ternura,
Mas tanto tropeço, tomo-lhe.
Tomba, transita, aterrissa.

Mea culpa.
Minha maneira de lhe manejar
meus meios de lhe manter
Muito lhe mexem: mil meneios,
maus modos, maneadas mãos.

Vixe! Vertigem!
Vejo seu voo involuntário,
voltejando ao vento.
Vai voando... Volta!

Não lhe noto, não entendo.
Não atento nada, não nego.
Mas não navego numa nuvem.
Nenhum néscio me nivela.

Digo-lhe que dói tudo desver,
deixar de divisar, de descobrir.
Ao deter-se de me dar os doces deleites
da vida,
deixa-me a angústia duplamente
dolorosa.

Busco-a, embora não baste.
Na borda, na beirada, bato.
Belamente baixo e bisbilhoto.
Bem ali, sem barulho, a bonita!

Viva! Vibro! Vitória!
Volto a ver você,
vejo à vontade,
você vale o visual.

Achei você, que achado!
Encharcando-se, chegou ao chão.
Chega, que chato.
Chega de show.
Chega de charme.

Pego você, ponho pra cá.
Passo-lhe um pito: porte-se!
Pronto. Apropriada, perfeita,
Permanece pra sempre. Preciso!

Logo lembro da loucura que é
Localizar algo ao longe
Logo que você se alopra
e se aleja de meus olhos,

Minha louca lente de contato! :-)

Devido Sentir | Luiza Borba

é um espaço
um estante específico
onde as mãos agem diferentes
os lábios cantam outras palavras

há uma necessidade
uma espera desmedida
de estar, exatamente
neste lugar apreciando a vista
ou, talvez, ser a vista

no agora, não há ar
e eu preciso de um último suspiro
daquele espaço-tempo
posso respirar?

A Mentira | José D´Assunção Barros

A Mentira, por exemplo.

Como é inconveniente

A Mentira

Figura ímpar

A Mentira

(Embora exista no mundo

Uma infinidade de mentiras)

Agora mesmo

Há algumas ali

Repousando numa cama ...

Dormem, ou fingem que dormem,

Fogosas como uma mulher

Que finge o gozo que não quer ter

Repousam

Mas em constante movimento, diga-se

Que a Mentira

A si mesmo contradiz

Desafiando a cada instante

Sem caber no espaço torto

A Mentira finge conforto

Diz que aplaude, enquanto vaia

Faz-se perto, mas é distante

Veste longos

Com as pernas curtas

Tem muitas ambições, a Mentira

Quer ganhar o Nobel, e de passagem
Posar para o quinto Oscar!
Quer se limpar na sujeira:
Ficar rica, abraçando o pobre

Quer ser compreendida, a Mentira
Como um peixe que busca anzol
Clama por captores
– por cientistas e tolos –
Que a ponham no dicionário

Para atendê-la, à Mentira
Reúnem-se súcias de sábios.
Depois de dias de desacordos
E noites de ponderação
Eles chegam a uma conclusão

A Mentira é isto, mas não aquilo
Tem um metro e tantos de altura
E duas longas línguas de trapo
Está no comprovado mosquito
Que de um só fôlego, engole um sapo

Concluída esta tarefa
Está definida a Mentira
Nos verbetes de enciclopédias
Na entrelinha do dicionário...
Mas, como se tudo não fora nada,
Eis, então, que ela rápido escapa
A qualquer definição
Que inevitavelmente
Também se torna mentira

A poesia que vem de dentro | Alberto de Souza

Vitória – ES

Coração Partido

O amor,

É coisa que

dá nó na alma

E cada fantasma

Vai se apropriando

Um do outro

O Outro

A amizade é cultivada

por uma suposta felicidade

Com um outro.

Quando perturbada

Eles respiram, a seu jeito

Vai viver

Suas vidas medíocres

Receita de Bolo

Pra começar

coloque todos os ingredientes

Ovos, leite, manteiga de garrafa, farinha de trigo

E bata, à moda do “Papa Pop”

Coloque no forno

E reze pra dar certo!

Pessoa suspeita
Uma pessoa supostamente feliz
Ninguém sabe que a mesma só vive no psiquiatra
Esse é um segredo guardado a sete chaves!
Ele se automutila
Isso é desejo recorrente
Sorri
E acha que só assim
Pode ser como os outros
Supostamente feliz

A Pedra
Vejo uma pedra
Encantada
Grávida de flores brancas
Em seu topo
Evangélicos
Louvando a Deus
Será que só do alto dessa pedra
Ele irá escutar
E dar fim aos seus tormentos?

Terra dos vampiros | Israel Simplicio Torres

A mensagem que lhes escrevo

Não se cabe em manifesto

Não promete liberdade

Não desdenha em vaidade

A mensagem que lhes passo

Constará o estilhaço

Já presente em nosso meio

“Democratas” do cangaço

Há vampiros preparados

Com seus dentes afiados

Como há sangue a se roubar

O sangue de nossas terras

O ouro pelas eras

As moedas de nossos bolsos

A desconfiança pelos outros

Nessa “Terra de Vampiros”

Disfarçados de nobreza

Que fogem da luz, fogem da cruz

Mas no escuro das massas

Eles cresceram

E somente enriqueceram

No teatro das tesouras.

A cruz que meu povo carrega

Brilha no peito de quem as renega

Suportada pelos sonhos
Plantados por demônios.

De bom grado tu te entregas
E renegas teu coração?
O rei em seu reinado
Não deveria ser senão
O maior servo do Estado
Representante da nação?

Ó povo meu, porque sucumbe ao terror?
Será que a viseira esconde
A grande fila do abate
Por cegamente andares
Com coragem e sem temor?

Eu temo pelo futuro
Em que ternos vermelhos e amarelos
Escondam os dentes afiados
Os vampiros famintos e indistintos
Amados e imortalizados
Pelo nosso pobre povo.